

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 148

Preço avulso 1 Escudo

12 Paginas

# O DOMINGO

SEMANARIO  
R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

## *ilustrado*

AGENTES EM  
TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



## UM MOLHO DE VICTIMAS!!

As viúvas e filhos dos dois vaqueiros cobardemente assassinados na Rua da Beneficencia por um ex-policia. O nosso presado colega *Diario de Noticias* apelou para o Governo, a fim de que ele proteja as victimas deste crime odiento. Juntamos o nosso pedido ao do grande jornal.

# cronica da semana por norberto lopes

# NOVIDADES E NOTICIAS DAQUI E D'AQUI

# questão prévia

## O alpendre da Gloria

NUMA cidade como Lisboa, onde o assunto é mais difícil de topar do que agulha em palheiro, os jornais vivem-se na dura e monolona contingencia de bater todos os dias as mesmas teclas. É a crise da habitação... É a crise financeira... É a crise do teatro... É a crise da sardinha... É a falta de agua, a falta de luz, a falta de limpeza, a falta de caracter, a falta de educação—e principalmente a falta de bom gosto.

Lisboa é uma cidade que sofre horrivelmente de falta de bom gosto. Este di feito estético nota-se em toda a parte: na rua, no teatro, na igreja, no café e na esquadra de policia.

A arte do gosto, infelizmente, não se cultiva entre nós, ou cultiva-se em tão minusculas proporções, que é necessário andar á procura dela com uma luneta astronomica, como se usa para certas estrelas de setima grandeza, que são intransigentemente invisíveis a olho nu.

O que é perfeitamente visível a olho nu—mesmo para quem sofra de miopia—é o chalet arte nova com que a Carris tapou inexoravelmente o acesso á Gloria.

Alguns jornais reclamaram em tempo a construção dum alpendre ou coisa parecida, para que os passageiros se pudessem abrigar da chuva. A reclamação foi ouvida pela Carris. A obra fez-se. Ai! mas agora já não são os passageiros que precisam de se abrigar—é o alpendre da Gloria, se não permitem esta maneira simpatica de dizer, que está mesmo a pedir chuva.

Claro que a Carris pode argumentar com a historia do velho, do burro e da criança—ou seja a historia do elevador, da Gloria e do alpendre.

Quando a Gloria não tinha alpendre, todos reclamavam alpendre para a Gloria. Agora que a Gloria tem alpendre, todos protestam contra o alpendre da Gloria.

Isto tanto pode ser uma fabula como uma daquelas frases-charadas que se inventam para as crianças tatibitantes desentarmelarem a lingua.

O que não pode ser de modo algum é uma desculpa para a evidente falta de bom gosto que caracteriza o famoso mamarracho da Avenida—a que alguns já chamam a jaula do elevador da Gloria.

NORBERTO LOPES

## CONSCIENCIA



—Senhel a noite passada que pediu a mão da mulher mais linda do mundo...  
—Sim? e diga-me, diga-me o... que respondi eu?...

## Uma injustiça

O novo decreto que fixa os vencimentos do professorado defende um principio da mais flagrante injustiça: o de que não deve ser contado, para efeitos de aumento de ordenado ou para diminuição de horas de serviço obrigatórias, o tempo em que qualquer individuo prestou serviço como professor não efectivo do liceu. Os professores que podem aspirar a ser efectivos são os agregados. Ora, agregados e efectivos tem cursos exactamente iguais. Simplesmente, uns—os primeiros—chegaram um pouco mais tarde, quando a porta das vagas se ia a fechar...



É justo que por não terem ganho a corrida de velocidade, que, entre nós, consistiu a caça ao lugar, se dêem como não existentes a nos em que trabalharam numa situação inferior áquela que lhes compete? Porque será que em cada nova reforma ou decreto que respeita á instrução ha sempre uma inovaçãozinha, a querer dar a marca da originalidade, e a dar sempre resultados dolorosos dentro da vida atribulada daqueles que a experimentam?

## Os cegos e o "charleston"

O Instituto Nacional de Cegos, inglês, resolveu publicar todos os meses, em letras de Braille, quatro «f-x-trot» ou «charleston». Até agora, os musicos cegos só podiam aprender musica classica, a menos que tocassem só de ouvido. Agora, tocarão a musica dinamica, a que põe os corpos em movimento. Assim, ganharão melhor a sua vida. Num «cabaret» de Londres um octogenario, musico cego, toca desesperadamente «f-x-trot», ao piano, depois de ter tocado órgão durante sessenta annos. E parece viver feliz. Parece que os musicos cegos gostam de tocar para que os outros dansem. Dir-se-hia que, exaustos de serem conduzidos pela mão, os cegos sentem uma secreta vaidade em saber que saem de sob os seus dedos os sons que con luzem os outros homens...



## Andino de Abreu

No domingo passado, o baritonio brasileiro Andino de Abreu realisou um recital, em «matinée», no Teatro de S. Luis. Trata-se dum artista que, no Brasil, enfileira entre os de maior categoria. O programa do recital era o mais criterioso possivel. Apesar disso, o teatro estava quasi deserto. Como explica o acontecimento, sabendo se, para mais, que a musica e o canto já hoje não assustam a gente de Lisboa, que de ha anos para cá sustenta duas orquestras, com dois concertos por semana? Não sabemos. Só sabemos que um cantor português, e da categoria de Andino de Abreu, não teria o teatro ás moscas, no Rio de Janeiro. Se não se recesses brasileiros para o cacher, apareciam portugueses. Não querio dizer que Andino de Abreu deva queixar-se dos seus compatriotas. Quere dizer, apenas, que o gosto artistico da nossa gente ainda vai atravessando a sua idade da pedra.

Andino de Abreu não cantou o «Prologo» dos «P. lhaços»; cantou trechos de Lieder, firmados por Hugo Wolf e por Cesar Frank...

## A' beira duma camp

A' beira da camp do pobre e saudoso Derouet varios oradores homenagearam o morto, com maior ou menor eloquencia, com igual sincerid de. Merece-nos no entanto, uma referencia especial o pequeno discurso dum dos nossos mais jovens jornalistas, Paulo de Brito ranha. As suas palavras não mereceram

transcrição em alguns jornais, mas foram as mais corajosas, as que ousa am pedir justiça, claramente, sem eufemismos, sem cibar ao futuro... Brito Aranha é moço e soldado: A sua coragem e o desassombro das suas opinões justificam-se-hia sómente por qualquer destas qualidades.

## Um «film» de propaganda

Há dias, assistimos á exhibição dum pedaço de «film», em que se focavam varias experiencias dum aparelho extintor de incendios. O successo do aparelho foi inegavel. Mas se nos referimos ao acontecimento, é para fixar o seguinte: Durante um bom pedaço de fita, o espectador não vê qualquer pequena experiencia; vê apenas as costas de varios cavalheiros de categoria mais ou menos official, cujos vultos occupam todo o «écran».



Achamos curioso íxar o caso, apenas como bem sintomatico dos nossos costumes, ou antes, da falta de orientação dentro de certas iniciativas. Gastou-se dinheiro para «filmar» as experiencias dum aparelho, para fazer a propaganda deste, mas só desordenadamente foi realisada essa idéa, dum simplicidade absoluta.

## Uma resposta para arquivar

AGORA que começam os teatros e concertos, vem a proposito lembrar um «dito» de Tristan Bernard, o dos «ditos» de primeira ordem.

Bernard entrou no teatro, e aceitando o programa que lhe oferecia um porteiro, perguntou: «Quanto custa?» — Paguei-o por 5centimos... — «Ah, sim? ... Pois eu não o pago por menos, não senhor...!» E' dum espirito muito subtil, pouco ao alcance de todos os espirituosos.



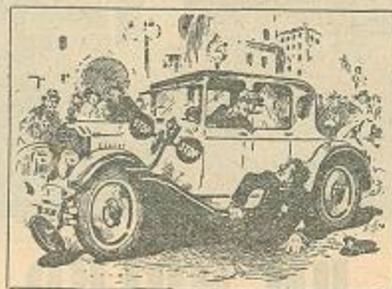
## O Telefone

Fala-se mal do telefone é um habito, é um dos maus habitos lisboetas que vem do tempo em que o telefone era o aparelho primitivo insuportavel, quasi inutil. Mas tudo mudou e se renova. Hoje, a nossa rede telefonica se ainda não é uma maravilha, é já alguma coisa de bom.

A Anglo Portuguese Telephone Company tem procurado anno a anno, diriamos dia a dia, servir melhor os seus clients.

Acabamos de receber a lista n.º 49 para uso dos assignantes, que denota a grande expansão das nossas comunicações e revela, pela meticulosidade com que foi organizada, esse bom desejo de servir bem a população.

## PREGUNTA INOCENTE



—Diga-me, senhor guarda, é verdade que vou bem por este camião para o Lincol?...

BORDALO PINHEIRO, o velho boemio que riscava nas mesas dos cafés as paginas sarcasticas dos «Pont-s nos ill» e da «Parodia» creou para representar o povo português um simbolo: o Zé povinho. Mais do que um simbolo de caricaturista—porque depois, ceramista tambem, o artista das Caldas creara-lhe um «jesto». E, «o gesto é tudo...» lá diz com indiscutível autoridade o nosso Dantas.

Nada porem mais injusto. O nosso povo, longe de fazer gestos, hoje sob a algada dos pequenos delitos, pelo contrario suporta resignado multiplas injustiças e explorações, dando hora a hora provas de insofismavel espirito de tolerancia e de obediencia.

Vamos a um pequeno apanhado de coisas insignificantes que valem como sintoma desse estado agudo de «carneirismo» nacional.

Na ancia de regular o problema instante e grave do transito urbano, o sr. comndante da policia de Lisboa no regresso duma viagem de algumas horas a Madrid, pr-z em pratica um certo numero de medidas que ele supunha «atinentes ao fim em vista» como se diz nos relatorios officiaes.

Essas medidas porem, com toda a gente verificou, longe de resolverem o problema, complicaram-no sobremaneira. O proprio autor acabava com elas, um mez depois, mas um mez depois da população sofrer um sem numero de contratempos irremediaveis, de pequenos vexames e conflitos, de machadas e sensaborias de toda a ordem.

—A Companhia Carris de Ferro de Lisboa arranca disarriamente á população da capital cerca de cinquenta c. ntos alem do que seria rasavel que arrancasse, atendendo ao actual preço da libra. E o publico sofre calado!

A Companhia das Aguas de Lisboa não dá normalmente durante 6 seis meses no ano agua aos seus consumidores. Cobra-lhes aluguer de contadores que não contam. Leva-lhes couro e cabelo, e fornece-lhes agua inquinada—qua do a foinece. E o publico, calado!

Quer dizer que o velho simbolo do Bordalo está realmente mudado. O Zé povinho já não sabe gesticular. O desgraçado o unico gesto que poderá fazer é pedir esmola.

X

# Este numero foi visado pela comissão de censura

## O MOTIVO



—Porque fechou aquela fabrica?  
—Por morte.  
—Morreu o dono?  
—Não, morreu o ultimo cliente.

HUMORISMO

FOOT-BALL

HA muitas pessoas que se entregam a este genero de sport e muitas mais ainda que gostam de ver os outros entregar-se e que, infelizmente, nada sabem acerca da origem de tão interessante jogo, em que o homem corre mais que um cavalo e escouchinha tanto como o dito solipede. Por acaso, a origem do foot ball não se perde na noite dos séculos, nem sequer nos séculos da noite. O foot ball é um jogo relativamente recente, como se infere de só o jogarem os rapazes até vinte e cinco anos. A sua designação primitiva era "furla bola", por ser a principal função dos jogadores o furtarem a bola uns aos outros, mas com o correr do tempo veio a correr-se em foot ball.

A sua origem é a seguinte: Num



Por XISTO JUNIOR

Dos meus tempos despostivos

difíceis e só um dos cavaleiros ficou desclassificado, porque, pretendendo saltar por cima dum electrico, a montada negou-se, caindo ambos na plataforma, onde o condutôr os obrigou a pagar bilhete até ao Rossio.

BOX. — Por questões de ciúmes envolveram-se em match de box dois conhecidos frequentadores da "Brasileira" do Chiado. Ao décimo round um dos boxeurs perdeu o fôlego, pelo que foi dado por findo o combate, com honra para ambas as partes e prejuizo para o que perdeu o fôlego, que tem de dar alviçaras a quem o achou.

PESOS. — Tem sido muito concorrida a inscrição para o campeonato de pesos, que em breve vai realizar-se. Os concorrentes são todôs fendeiros, paideiros e carvoeiros, pois, como se

sabe, o titulo de campeão caberá áquele dos concorrentes que conseguir tirar no peso sem o freguês dar por isso. Neste concurso o juri é substituido pelo varejo.

JOGO DE PAU. — Como é do conhecimento geral, o jogo do pau é uma esgrima genuinamente nacional, que conta com a protecção do Estado e da Igreja.

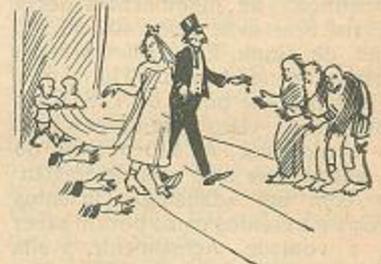
O estado alimenta e auxilia aquele jogo, pondo a funcionar o parlamento, onde rara é a sessão em que não ha paulitada grossa, como aquelas da sinécure e da lácuna e ainda outras que o "Diario das Camaras" regista como records do jogo do pau. A religião mostra o seu interesse pelo mesmo jogo, mantendo aberta ao culto a Igreja dos Paulistas.

As paradas do jogo do pau tem diferentes designações: se a tacada vem de cima para baixo, chama-se pau do ar; se faz nódoas negras, chama-se pau de sabão; se atinge em cheio o adversario, no alto da cabeça, chama-se pau de cabeleira; quando lhe dá no nariz, nas pernas, nos braços e no ceu da bôca, diz-se que é pau para toda a obra.

A's vezes acontece que dois sportsmen, dos que cultivam este genero de esgrima, realisam, em plena rua, assaltos muito brilhantes, servindo-se das bengalas.

Em regra a policia intervem, leva os assaltantes ao curativo e depois para a esquadra. A estes assaltos á bengala costumam os jornais chamar, impropriamente, scenas de pugilato, quando deviam chamar-lhes de bengalato.

TIRO AOS POMBOS. — A' saída dum casamento da igreja da Encarnação realisou-se, ha dias, um brilhante torneio



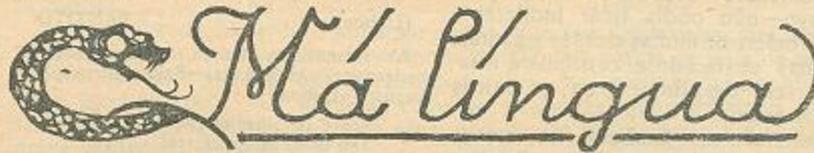
domingo á tarde, estavam uns poucos de ingleses num campo, nos arredores de Londres, muito aborrecidos, a fingir que se divertiam. Nisto, aparece um outro inglês, que regressava dos cirios da Atalaia e trazia uma melancia. Todos queriam comer do extranho fruto, mas como não chegava para todos, o portador da melancia propoz que se dividissem em dois grupos e que a melancia pertencesse áquele grupo que conseguisse enfi-la pelas balisas que o outro defendia. Começou o jogo e logo de entrada um deles apanhou com ela em cheio no nariz, e logo todos começaram por isso a chamar-lhe «béque». Ao fim de tres horas, a melancia ainda andava no ar, até que um que defendia as balisas dum grupo, cheio de sede, se distraiu para beber uma cerveja, mas mal tinha bebido um gôlo — zás! — entra-lhe a melancia pela bôca. Daí ficou a chamar-se «gôlo» á distracção do jogador que está entre dois paus, no campo de foot ball.

Ora aprendam, srs. sportistas!

— Realisou-se ha dias o match, como estava anunciado, entre o "Bica de Sapato Club" e o "Ribeira Nova Internacional", que foi jogado no vasto campo da Rua da Boa Vista, quasi em frente da Moeda.

Venceu o "Bica do Sapato" por um goal, metido com toda a energia pelo seu captain na vidraça dum primeiro andar. O juiz do campo era o policia de giro, que suspendeu o desafio, pondo os jogadores em debandada.

HIPISMO. — Foi muito brilhante a corrida de obstaculos ontem organizada pelos sotas das carroças que sobem a rua do Alecrim. As provas eram



A GAIOLA DO ASCENSOR

Tinha-me levantado nesse dia com a minha melhor disposição para elevar o ansiosa phantasia ás mais altas regiões da Inspiração.

Quanta vez a ambição mois illusoria invade o coração de um sonhador! Eu senti:— Amo a Gloria! quero a Gloria! E pensei:— Vou tomar o elevador.

Metti-me pois num carro de Bemfica na paragem que allí ha na Cruz da Pedra, pagando o meu bilhete, que a alma é rica, é millionaria quando o Sonho medra...

E como o meu medron! Ao pé do Condes apert-me num enlêvo entusiasmado sentindo vozes de anjos sob as frondes, apesar do arvorêdo depennado.

De repente, esteaquei. Durava o sonho? Transmudara-se em torvo pezadello? Mas que monstro era aquelle, alvo e medonho, com pernas, olhos glaucos, e sem pelo?!

Accaso o elevador se entumescera naiguma hora phantastica e doentia Inchando largas faces côr de cera na mais endiabrada hypertrophia?

A um francez, a meu lado, percebi: — «Je n'ai jamais vu ça, dans mes voyages! Dites moi, pour calmer mon appetit de quelle crêmerie sort ce fromage!?»

E perto, a um italiano:— «Il macaroni e frequente in Italia, mio signore, ma il mostro macaroni non e buoni per cosi fare un grande elevatore!»

Fallava muito mal... Como uma vacca das que illustram a Hespanha polyglotta; ou talvez, tendo a sciencia muito fraca, ao traçar o que ouvi eu desse bôta...

O certo é que lá vi o Bichardão ao fundo da calçada, todo ao sol, e que apesar de tonto, quasi louco, ouvi mais adeante a um hespanhol:

— «Caramba! Es que San Pedro, aficionado, le dió por erigrir—cuanta dulzura! un nido seductor, de mantecado, para la madre o la mujer de um Miura?»

E inda mais perto, exbatico, á mulher de grandes sopalões e guarda pó, um turista, um inglez como qualquer dizia entusiasmado, em tom de dô:

— «Darling, just look how nice. O come and see! The Baedecker says nothing, hang the book! Only to use that magic W. C.; crowds ought to come along with Thomas Cook.»

A ideia do hespanhol era insegna; por mim, não via as coisas á hespanhola. Para gaiôla da mamã de um Miura, já era pouca sorte de gaiôla!

Mas o que era, meu Deus? Foi para exemplo de atheismo, que assim, com gesso e pau, o Registo Civil fez este "templo" que é uma Cathedral do Piriláú?...

Hoje, na imprensa, a explicação lobrigo. Contra a chuva é que aquillo allí surgiu, uma ideia genial. Só o que eu digo é que oxalá consiga dar abrigo contra todas as chuvas que pedira!

de tiro aos pombos, em que tomaram parte os mais distintos mendigos de porta de igreja desta cidade.

Quando o casal dos "pombos" se dirigia para o trem, foi alvejado por mais de cinqüenta mãos, que o atingiram com certos tiros de cinco tostões.

XISTO JUNIOR

«WINKELMANN» - Pianos

CONSTRUÇÃO unica. Marca criada em 1837, Januario Nunes & C.ª (Filhos) — 108, Rua dos Retrozeiros, 110 LISBOA — Casa especializada.

CUIDADOS



— Deve ser muito perigosa a tua profissão de guarda-nocturno...  
— Conforme; tudo vai de a gente se fingir a dormir a tempo...

## Curiosidades

## O PEIXE CANDEIA

Os índios da Colombia inglesa costumam —segundo parece— utilizar-se dum peixe para alumiar as suas cabanas. Há, nessa região, um peixe que, depois de ter sido seco ao ar livre, o mais possível, constitui uma excelente lâmpada, bastante económica. A espinha serve de pavio e a grande quantidade de gordura contida no corpo do peixe produz uma chama brilhante, que quasi não deita fumo e pode alumiar, com a mesma intensidade, durante umas vinte horas. Além disso, os índios podem, quando lhes apetece, comer o peixe-candeia...

## A TORRE DE BERLIM

Todos os países queriam ter uma Torre Eiffel, como a de Paris. Mas o ferro é caro, os operários fazem-se pagar bem e os engenheiros são exigentes. Alguns países que começaram a construção de monumentos dessa categoria ficaram-se pelos 400 ou 500 metros de altura. Em Berlim, acabam de inaugurar uma torre de 110 metros, que será o maior posto de T. S. F. da Alemanha. É claro que fizeram uma torre confortável. A 110 metros do solo, encontra-se uma sala de «restaurant» com um «dancing». Duzentos convivas e trezentos pares podem caber nela, á vontade. Actualmente, a alta sociedade de Berlim janta e dança no «restaurant» da torre.

A REVOLUÇÃO DA TERRA  
SÔBRE SI PRÓPRIA

A duração da revolução da Terra sobre si própria, extremamente aproximada do dia sideral, é, segundo os dados exactos do «Bureau de Longitudes», de 23 h., 56 minutos, 4 segundos e 099.

## A ALTITUDE DE PARIS

A altitude de Paris é de 33 metros, medida tomada do Palais-Bourbon, segundo o Serviço do nivelamento geral da França. Segundo o Ministério da Guerra, a altitude de Paris é de 60 metros, medida tomada do Pantéon.

## UM GRANDE CONCURSO POPULAR

## Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um êxito sem precedentes

## NOVAS QUADRAS

De dia para dia vão sendo mais avultadas as remessas de quadras para o nosso Concurso. Mas o espaço de que dispomos impede nos de lhes dar imediata publicidade. O «Domingo Ilustrado» não fará, entretanto, selecções, e TODAS as quadras serão publicadas na sua altura, pela ordem de entrada no nosso jornal.

Muitas dessas quadras são «preciosas», pela sua singeleza, pela graça do conceito, pela espontaneidade da sua composição.

O «Domingo Ilustrado», embora não marque preferencias e acolha sempre com prazer até as mais imperfeitas — pois o nosso Concurso foi feito para o Povo — não podia ficar indiferente ante a beleza de muitas dessas quadras. Tem nas destacadas e continuará a fazê-lo, sem desprimor para os outros concorrentes.

Avolumam-se também na nossa mesa de trabalho as fotografias das costureirinhas da terra portuguesa. Mas dentro em pouco O «Domingo Ilustrado» dedicará varias paginas a essa interessantissima documentação.

## Haverá espaço para todos os concorrentes

O DOMINGO ILUSTRADO empenha-se em saber qual é a

## Costureira mais bonita de Portugal

Enviem quadras!

Enviem fotografias!

A' formosura deslumbrante de Etevína Guerra (trabalha num «atelier» na Avenida).

E' tristeza não amar  
Amar é um triste estado  
Mas é tristeza sem par  
Amar sem ser amadoJulgas-me talvez ingénua  
Sem experiência nem arte  
Mas se lograste impor-me  
Eu saberia domar-teEsses olhos tão lindos  
Porque fogem assim?  
Olhando-me só de soslaio  
Quando passam por mimNo dia em que não a vejo  
Pelo menos duas v'zes  
São para mim os minutos horas  
Mudam-se as horas em mesesComo adoro esse tempo  
Em que no comboio a via  
E, se hoje ignorasse onde está  
Minha alma morreria

(Moscavide) ALVARO S. FERREIRA

A' menina...

Alfinete amor dum ano?  
Vê o que o nosso durou:  
Tanto alfinete me deste,  
E tão depressa acabou!

(Lisboa) SANTITO

A' encantadora beleza e airocidade de mademoiselle Maria Luiza—Salão Mimoso, Rua Augusta—Lisboa.

Sobre as folhas d'acucena  
Teu lindo nome escrevi  
Tornou-se a flor tão formosa  
Que então julguei que te viMil beijos dei nessa flôr  
Que arrebatado apanhei  
Tantos carinhos lhe fiz  
Que por fim a desfolheiEram passados tres dias  
Voltel ao mesmo lugar  
Para no res o das folhas  
As mesmas letras beijar

JAIME LUCIO DA SILVA

A' jovem e airo. a mademoiselle Maria Luiza—Salão Mimoso—Lisboa

Teus olhos são meigos  
São astros de luz  
Teu corpo é mimoso  
Fascina e seduz

J.

A' encantadora Maria Celeste, minha costureira.

Tanta roupa me fizeste,  
que era pra' dizer-te assim:  
—vai coser outro, que a mim  
já me coseste, Celeste.

LUTÉCIO

A' sentimental Palmira de Sá. Costureira da casa Eduardo Martins.

Trabalhas, estudas, e não te canças?  
Aprecio e n'ti essa vontade  
Outras com tempo, com facilidade  
Não conseguem aquilo que alcanças.Passas com pressa, com ansiedade  
Chegas do trabalho, e não descansas  
Has de progredir. Tenho esperanças  
E's digna de muita felicidade.Desculpa tua ingratidão pequena  
Não tens tempo de te lembrares de mim  
Mas tenho fé de ser por ti amado.Quem me dera ser, sabes quê? Morena  
Eu queria ser o teu manequim...  
Ou então do piano o teclado.

UM ADMIRADOR

A' interessante Mariana Rita da Graça—costureira do Eduardo Martins.

Não sabes quem sou, não me conheces  
Nem mesmo me dou a conhecer  
Ficará pensando... desconheces.  
Desta quadra quem será o autor?

QUEM SERIA?

Morena L. B., da—R. do Ouro.

Os teus olhos são tão negros  
Tão negros os teus cabelos,  
Que u quizera ficar negro  
Pra' estar sempre, sempre, a vel'osQuando por um mero acaso  
Fito, louco, os olhos teus,  
Sinto chorarem d'inveja  
Desses teus olhos, c's meus.E os teus lábios que eu anseio  
Pela sua rosea côr,  
São lábios que me dão vida  
São lábios que dão amor.

ZIG-ZAG.

A' menina Tinda Dias, interessante costureira dos grandes Arnszems do Chiado

Costureira original  
Que nunca gostou de chaile  
Tem um unico ideal  
E' doidinha por um baileTenho quasi a certeza  
Mas não quero afiançar  
Que o concurso agora aberto  
E' ela quem vai ganharCon'udo tem muita sorte  
Essa pequena, coltada!  
Pelo Domingo Ilustrado  
Há-de ser pois premiada,

(Lisboa) MANUEL M. COSTA GOMES

Homenagem dum aldeão a Julieta Robalo.—Campo de Santa Clara, 117, Lisboa—(Trabalha em casa).

Eu queria, sem penar, poder esquecer.  
Aquele tempo todo que passou  
Não lembrar mais, poder assim viver,  
Não recordar, banir, o que a-abou.Esquecer num só momento o que fugiu  
Resto de sonho, pedaços d'illusões  
O que não volta já, o que caiu  
Valdades que, mentindo, são traiçõesNum mistico socêgo cor de rosa  
Esquecer te, nessa hora duvidosa  
Em que aparece ao longe, triste, o mar!Fazer parar aqui, meu pensamento...  
Dormir, num sonho bom, d'encantamento.  
Dormir... Esquecer... Nunca mais despertar!

J. A. PEREIRA



A' venda nas farmácias, drogarias, confeitarias, mercearias e leitarias.

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.<sup>DA</sup>

29, Calçada de S. Francisco, 37 — LISBOA

Fornecedores de Sua Magestade  
Rei Jorge V de Inglaterra

BOVRIL

OPoderoso  
FortificanteESTIMULA E ALIMENTA  
SEM ESFORÇOS DIGES  
TIVOS.A Força da Carne  
está no Bovril.

Agentes em Portugal:

A. L. Simões e Pina, L.<sup>da</sup>  
RUA DAS FLORES, 22 — LISBOA

O DOMINGO  
Ilustrado

# TEATROS

Toda a Lisboa aplaude Hortense Luz no «Grão de Bico»

## O MOMENTO TEATRAL CÁ POR DENTRO

### Palmira Bastos e Alexandre de Azevedo no Ginasio



Da nova geração é Hortense Luz, por certo, a personalidade mais curiosa, a que triunfa sempre com a nota inédita. A sua galeria de «garotos» tem a frescura de um «barro» de Bordalo. E ela cria incessantemente, produzindo novos «tipos», cada qual com o misterio simples de uma almita de gaio. Não se reproduz Eis a melhor qualidade de Hortense que, com os seus vãos, faz lembrar os êxitos rápidos de Ange e de Adalina no começo da carreira. «Grão de Bico», que está a atrair ao Maria Victoria toda a Lisboa, ficará no nosso teatro como um bom padrão, grido de mocidade a atestar o valimento da nossa Scena, tão injustamente malsinada.

#### Trindade

Lucilla Simões-Erico Braga inauguram a sua temporada de inverno com uma peça que corre mundo: «O Fauteuil 47». «Fauteuil 57» está teatralizado em todos os lugares. Fizeram-se novellas, fizeram-se filmes. «O fauteuil 47» encontra-se hoje em todas as platéas de todo o mundo. Não há pl. t. i. que não tenha um fauteuil 47...

#### Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectáculos modernos, confortável, de gosto bizarro. Odéon exhibe as mais notáveis super-produções de grande fabrica Americana. «Metra-Godwin Mayer». Os espectáculos do Odéon estão a marcar um acontecimento de elegancia.



ORGANISA SE uma nova companhia de teatro com os nomes prestigiosos de Palmira Bastos e Alexandre de Azevedo, secretariada por Jorge Grave.

E' com muita alegria que vemos reabrir um teatro cheio de conforto como o Ginasio, com uma companhia que, pela experiencia e pela categoria das suas primeiras figuras, merece o nosso respeito e uma expectativa muito lisonjeira.

Alexandre de Azevedo é um actor muito culto, um «charmeur», um homem viajado, elegante, e possuidor duma longa, brilhante e solida carreira de teatro. Palmira Bastos é a artista que possui, nos varios generos de teatro um publico mais electico, pois vai desde as camadas populares, que a admiram, até ás senhoras de sociedade, que nela vêem a distincção de maneiras e a elegancia duma verdadeira senhora.

A comedia da estreia, que Alvaro de Andrade verteu para português, é uma peça deliciosa de espirito, onde a ironia das situações e o brilho do dialogo encantam.

«Pouche» é uma comedia onde Palmira, Alexandre, Henrique de Albuquerque—outro grande actor de declamação—Constança Navarro, brilhante e insinuantissima figura do nosso teatro. Tarquinio Vieira, um dos nossos primeiros galãs de comedia e um artista correctissimo, e Jorge Grave, actor de multiplos recursos, e cuja carreira é marcante, têm trabalho digno do seu nome.

A' solida reputação profissional deste conjunto de artistas ha a juntar Maria Corte Real, figura de elegancia e de nobreza dos nossos palcos e cuja distincção tão rapidamente conquistou o nosso publico.

Por todos estes factos e porque realmente o Ginasio é um teatro simpatico, confortavel, moderno e acolhedor, tudo leva a crer que a temporada ali seja brilhante pois o publico quer repousar das chalaças vulgares, ouvindo a delicadeza, a harmonia, a ironia, do teatro leve e sentimental.

### Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e crianças, Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado. — Gerente tecnico ALEXANDRE PERESTRELLO.

Salão Elegante das Avenidas

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5689

Diz-se que o tenor Sales Ribeiro abandona a Companhia Cremilda d'Oliveira e que vai para o S. Luis. «O bom filho á casa torna»...

—Gastão Alves da Cunha embarcou no «Lima», para se reunir no Funchal á Companhia Ilda Stichini. Esta acaba de fazer uma temporada magnifica, com o maior exito artistico e batendo o record de todas as receitas. A Companhia deve já ter estreado em Ponta Delgada com a «Simone», voltando em Dezembro á Madeira, para a'i estrear «Son Mari», de Géraldy e Spitzer, e «Les trois sages du vieux Wan», peça católica de Henri Ghéon, tradução do Dr. Alfredo Cortez, montagem de Leitão de Barros.

—Diz-se que o Variedades vae ser ocupado por uma grande companhia de revistas, sob a direcção de Rosa Mateus e com Carlos Leal e Adalina Fernandes á cabeça. A estreia deverá fazer-se com «Revista de Lisboa», completamente remodelada, apesar do enorme exito que a peça conquistou no Foz, com o texto original.

—Como em tempo noticiámos, virá a Lisboa o celebre Johann Strauss, o «Rei da Valsa». Vai ser a great attraction da temporada.

—Movem-se altas influencias para que o baritono Andino de Abreu realise em Lisboa um concerto de música brasileira.

—As companhias que procuram a provincia... Nascimento Fernandes acaba de organizar um brilhante elenco para percorrer a provincia. O repertorio constará de comedias de vaudevilles e de revuettes. O inicio da tournée será em Setubal a 15 do corrente, no Teatro Recreio do Povo. Nascimento fará depois o Algarve. Cremilda d'Oliveira localisa-se no Norte e Maria Matos na Extremadura.

#### Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse», agora arranjado de novo. O pal dos cinemas libe-las. Optimos films, sempre variados e para todos os palcares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

#### Jardim Zoologico

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim Zoologico, com o atractivo da sua Alameda dos Macacos e a ginada pelo illustre arquitecto Raul Lino, acha-se aberto todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

#### Pathé Cinema

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

#### Politeama Avenida

Grandes espectaculos cinematograficos com Super-Produções. «Príncipe Zilah» e «Um Novo D. Juan».

Companhia Sateana-Amazônica. A companhia mais simpatica do publico. Além de Amaranth — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiz Sateana, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «rico» parisiense da sua estylo. Hoje e per enquanto todas as noites «Agus-pé».

#### Foz

A Grande Companhia Espanhola de Variedade «Almas». Bailados e cantores regionaes, sketches cómicos, dança classica e moderna, farsas. Elenco augmentado, novos scenarios e guarda roupa luxuoso. O notavel actor cómico Palacios na sua criação de «Pencudo», 20 artistas e 0 formosos girls. Espectaculo de arte adequados ao palco da elegante teatro da Gal-laria da Gloria.

#### S. Luiz

Armando de Vasconcelos resp'reces não São Luiz, agora de ponto em branco. A nossa grande comp'nia de operetas em que se contem os nomes de Anter da d'Oliveira; de Aldina de Sousa, de Vasco Sant'Ana, de Fernando Pereira, de Sylvia Vieira, de Carlos Viana de Maria Alvarez, teve uma revêta triumphal com a famosa opereta «B. 1. re Alt.» que volta á scena para uma serie de recitas.

#### Apolo

O nosso teatro essencia-mente popular encontra uma peça de acentuados a-bor bailaria com todos os «matadores» para os mais exigentes: «O Garacol da Graça» que Almeida Cruz iniciou com a maior propriedade e que a sua valente companhia defende com imenso brilho. «O Garacol da Graça» faz fazer a longa carreira que teve a «Mouraria», o maior sucesso do ano passado.

#### Nacional

Continua a marcar o maior exito a «Grã Du-queza e o Cre do de Quarto», de Alfred Savoir, tradução de Alvaro de Andrade. Alves da Cunha interpreta o papel de um galã cómico, um rapaz de vinte anos, cheio de alegria e de vivacidade. Vale a pena ver o illustre artista neste papel, o melhor, talvez, de toda a sua carreira.

#### Coliseu

As maiores atracções dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «voir faire» de Ricardo Co-voes, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa.

#### Olympia

D'recção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industrialis mais categorisados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-mente grandes transforma-ções na sala e dependências de forma a torna-la a preferida do publico.

# A mulher de barro e o homem de louça das Caldas

Pede-se ao actor Alves da Cunha que não veja neste dialogo sentimental uma alusão à Mulher de bronze e ao Homem de cristal.

**L**ONOR é uma boa rapariga, que tem felto, como toda a gente, varias tentativas para ser feliz. A felicidade consiste para ela em se entregar de corpo e alma seja a quem fôr que a mereça, contanto que lhe devolva um amor igual ao seu.

Já não é a primeira vez que ela supõe ter encontrado o homem que lhe serve, a alma que ela procura no mostruario de almas humanas dos Grandes Armazens da Vida. Mas é mais facil encontrar um corte de veludo em boas condições no Ramiro Leão, do que uma alma perfectamente idonea e em bom estado de conservação para lavar e durar.

Leonor, no entanto, não desiste. As illusões renovam-se na sua alma como as flores na primavera. Todos os amores lhe parecem o seu primeiro amor. O ultimo beijo parece-lhe sempre melhor do que o primeiro.

Leonor sonha. Não tem feito mesmo outra coisa senão sonhar. A vida tem-lhe proporcionado horas agradáveis—aquelas em que sonha—e horas amargas: aquelas em que acorda.

Dois trechos de dialogo com dois homens diferentes bastam para dar em pouco tempo toda a novela da sua vida.

LEONOR—Finalmente, encontrei-te. E's tu o homem que eu procurava. Toma a minha alma. Guarda-a bem. Nunca a dei a ninguem como ta dou agora a ti.

O 1.º HOMEM—Gosto de ti porque és sincera. O teu amor dá-me uma emoção nova, qualquer coisa que nunca tinha sentido e que me reconcilia com a vida.

LEONOR—Quero que me queiras com um amor igual ao meu. E's o homem que eu sonhei. A minha alma estava em risco de naufragar no oceano da vida quando tu chegaste. Salvas-te a dum naufragio iminente. Tens direito á medalha de ouro do Instituto de Socorros a Naufragos.

O 1.º HOMEM—Contento-me com a medalha de «vermeil» do teu coração. Beija-me.

LEONOR—A tua boca sabe a rosas e a pétalas de magnolia. Quando me beijas, sinto que o mundo é pequeno para conter a minha felicidade.

O 1.º HOMEM—Não leves tão longe o teu entusiasmo. Acalma-te um pouco. Olha que a felicidade é um deus caprichoso, que se vinga por vezes duramente das pessoas que abusam dela.

LEONOR—Não queiras estragar com o teu scepticismo este minuto supremo. Porque não hei-de vêr realizado o meu sonho, se tu reunes absolutamente tudo quanto é preciso para me agradar!?

O 1.º HOMEM—O'has-me através do caleidoscopio da tua illusão. Com o auxilio desse cristal maravilhoso, vês tudo côr de rosa. Mas repara bem que o amor é fragil como esse cristal que pões nos teus olhos para me ver.

LEONOR—O meu amor por ti tem uma tempera de aço. Brilha como a melhor lamina de Toledo.

O 1.º HOMEM—Tem cautela, não voltes a lamina contra o teu peito!

LEONOR—Se o teu amor me matar, morro contente. Se os teus braços me asfixiarem, abençoô a hora em que me abraçaste.

O 1.º HOMEM—(Abraçando-a com força)—E se eu seguisse á letra o teu desejo?

LEONOR—Ai! não apertes tanto! Mata-me doutra maneira mais suave.

O 1.º HOMEM—E's uma criança e estou doido de amor por ti.

Decorreram alguns meses. Morreu para Leonor o sonho romantico daquella tarde côr de rosa. No horizonte, appareceram as primeiras nuvens negras. Como um naufragio que se agarra á ultima taboa de salvação, ella procura salvar ainda da derrocada o seu sonho.

LEONOR—E' possivel que tu já não sejas o mesmo homem que amei perdidamente!?

O 1.º HOMEM—Sou exactamente o mesmo, com seis quilos a menos. O teu caleidoscopio é que se partiu e tu já me não vês com os mesmos olhos com que me vias.

LEONOR—Enganas-te. Procuo verte ainda como te via ha seis meses e a tua imagem apparece-me deformada, como se a visse por um prisma convexo.

O 1.º HOMEM—Quere dizer que não precisas dum amor, precisas dum oculista. Adeus. Não sou cá preciso para nada.

LEONOR—E é com essa indiferença que tu te resignas a perder-me para sempre!?

O 1.º HOMEM—O nosso amor era impossivel. Tirámos dele o proveito que poderíamos tirar. A arvore secou. Já não dá mais fruto. Adeus. Separemo-nos como dois bons amigos.

LEONOR—Adeus! Foste tu o unico homem que eu amei. (Fica a chorar).

O mesmo scenario do primeiro dialogo e as mesmas rubricas para os actores. Pequeno intervalo, para mudar de guarda-roupa. O pano sobe.

LEONOR—Beija-me ainda uma vez. A tua boca é fresca como uma manhã de primavera e os teus beijos são doces como o hidromel. Que rara sensação a dos teus beijos, meu amor!

O 2.º HOMEM—Nunca ninguem te tinha beijado assim?

LEONOR—Ninguem! Tu és o eleito da minha alma, aquele que desperta em mim toda a alegria santa de viver.

O 2.º HOMEM—E os outros? LEONOR—Os outros morreram. Só tu existes. Tudo o mais é cinza e pó de cinza.

O 2.º HOMEM—Tem cautela com as brazas que ficam debaixo da cinza! LEONOR—Não ha perigo de reatar o fogo. Deitei-lhe em cima um copo de agua fria.

O 2.º HOMEM—Ha bacilos que resistem ao fogo. Deve haver tambem recordações que não se apagam facilmente com um banho de agua fria.

LEONOR—Nenhuma delas suplanta a recordação constante que me vem de ti. Quero-te com um amor novo, um amor que eu tinha guardado exactamente para ti.

O 2.º HOMEM—O que não impede que eu tenha sempre a impressão de que é um amor usado, embora seja um amor em muito bom estado de conservação.

LEONOR—Cala-te, que me fazes mal! Pois tu não vês que a tua alma é precisamente a alma que eu sonhava, a alma que eu procurava ha tanto tempo, sem nunca a encontrar!?

O 2.º HOMEM—Eu sou então a alma privilegiada que tu escolheste no mostruario das almas?

LEONOR—Pois és. Nunca a minha alma se entregou a ninguem tão bem como se entregou a ti. Nunca os meus labios sentiram noutros labios um prazer tão doce como sentem nos teus.

O 2.º HOMEM—Tu já repetiste exactamente essa mesma ideia por outras palavras ao 1.º homem. E, certamente, aos que vieram antes dele. E, naturalmente, has de repeti-la aos que vierem depois de mim.

LEONOR—Pois tu admtes sequer a ideia de que alguém venha depois de ti!?

O 2.º HOMEM—Em amor, todas as hipoteses são verosimeis—e aquilo que hoje nos parece um sonho côr de rosa não deixará de ser amanhã um pesadelo.

LEONOR—Olha bem para os meus olhos. Juro-te que nunca olharam para ti! E's o meu amor, ouve bem, o meu unico amor!

O 2.º HOMEM—Gostava tanto de te acreditar!

Passou o encanto dos primeiros tempos. Mantem se, no entanto, uma doce intimidade, que é grata aos dois e que qualquer deles tem pena de abandonar.

LEONOR—Tu já não gostas de mim como gostavas a principio. Apesar disso, o meu amor mantem-se intacto e os meus labios querem cada vez mais aos teus beijos!

O 2.º HOMEM—Gosto de ti exactamente como na primeira hora. Melhor ainda, porque nas horas que se seguiram aprendi muita coisa que não sabia. E soube outras que não gostava de aprender.



—Os meus labios querem cada vez mais aos teus beijos.

**A** O «hall» dum grande hotel das termas. Tarde quente de Agosto. Pelas cadeiras molemente instaladas, algumas laboriosas digestões dum farto almoço. Só as moscas teimosas, agressivas, perturbam os abundantes chilos dos numerosos aquistas que pesam financeira e fisicamente muitos kilos. A um canto ele e ela conversam. Ele, vida inteira na provincia, ingenuo e bom, cheio do romantismo e dos puros ideais, que a provincia lhe conservou intactos. Ela, ha cinco anos em Lisboa, integrada já no ambiente da cidade, contaminada de todos os venenos da capital, de todos os bacilos da civilização.

Ele recorda:

—Foi numa noite de luar intenso, em que os nossos olhares, atraídos pelo azul purissimo do ceu, se embriagaram na pureza eterea do infinito, que os meus olhos ainda cheios do brilho desse azul que os atraía se fixaram nos teus. E talvez pela extranha magia do luar que te banhava, reflectindo-te no olhar todos os teus mais reconditos sentimentos, eu descobri finalmente o teu amor...

Ela, com indiferença:

—Onde isso já vai...  
—Ha 5 anos, apenas!  
—Tinha a impressão de que isso estava já muito mais longe.  
—Lembras-te?  
—Sim, tenho uma vaga ideia.  
—Disseste que o teu amor seria eterno. Que não me esquecerias. Que nunca ninguém amára assim...  
—Exageros!  
—Não te recordas?  
—Influencia do luar, decerto.  
—Não, as tuas palavras não mentiam.

—Como estás vendo.  
—Mas para que o disseste?  
—Sim, disse que te amava, mas não, dessa maneira...

—Tenho testemunhas.  
—??...  
—As tuas lagrimas, que tomei como a maior prova da tua sinceridade.

—Lagrimas? Talvez arrependimento por ter dito uma coisa que não sentia.  
—Não pretendas arrancar-me essa doce recordação.

—Tambem tu me confessaste o teu amor, que era ainda, se a memoria me não falha, muito mais intenso, eterno e verdadeiro do que o meu. Um amor extraordinario, invulgar, perfeitamente inedito na tua opinião.

—Tão verdadeiro que se manteve, apesar de tudo. E como poderia ocultá-lo naquela noite extranha em que a natureza tiranicamente me impelia para ti? Em que a beleza das coisas, toda a suavidade ambiente, me obrigavam a confessar todos os sentimentos de pureza, de intensidade igual á do luar que inundava os nossos olhos, janelas rasgadas á sua luz purissima, que atravez deles vinha encher de claridade as nossas almas.

—Como nós eramos piégas!  
—E como estavas linda! Depois da tua confissão ficaste tremula, ruborizada...

—Agora ando sempre, rougeborizada, como vês.

—A tua mão entre as minhas tremia de emoção.

—Eu sempre fui muito nervosa.

—Disseste-me que o teu ideal seria voar pelo infinito, num raio de luar.

—Hoje preferiria um Junker's.

—Depois ainda beijei os teus cabelos perfumados. Como gostaria de poder reviver esse momento! Poder beijar de novo as tuas longas tranças...

—Se fazes muito empenho, posso mandar-tas. Tenho-as em Lisboa, na gaveta do toilette. Esse prazer ainda posso proporcionar-te.

—Que noite aquela! Parecia tudo um sonho...

—Podia ter sido um pesadelo.

—Um verdadeiro capitulo de romance, de romance de amor.

—Daria mesmo um folhetim.

—Partias no dia seguinte para Lisboa. E tremula, chorosa, esquiva, nem quizeste dar-me o abraço derradeiro, de triste despedida, que te implorrei.

—Disso posso compensar-te. Vamos logo dansar o «charleston».

—Apenas consentiste que beijasse a fimbria do teu vestido.

—Isso hoje é que, bem vês, é perigoso. Os vestidos estão tanto em cima, são tão curtos...

—Quanto teria dado nesse momento por poder sentir na minha a tua boca, poder dar-te, num longo beijo apaixonado, toda a expressão do meu afecto.

—Foi pena. Não to ofereço hoje porque não estás habituado ao «baton» e podia dar-te volta ao estomago. Costumado como estás aos pratos simples da provincia, extranhavas com certeza o «rouge» perfumado.

—Não brinques. Juro-te que te amo ainda, que te amo mais ainda, se é possível. Sou capaz de tudo por ti.

—Até duma tolice, estou a vêr.

—Dou-te a minha vida, queres?

—Dá-me antes um cigarro. Um abdula, se tens, é preferível.

—Fumas?

—Como tu.

—Enganas-te.

—O quê, deixaste de fumar?

—Antes tivesse deixado de gostar de ti.

—O' filho, era bem preferível.

—Mas não. Apesar de tudo, da grande mudança que fizeste, continuo

a querer-te muito, muito, mais talvez do que supunha, apesar da transformação completa por que passaste.

—Talvez por isso mesmo.

—Acredita-me, é cada vez maior a minha inclinação por ti...

—O' filho, então põe-te direito.

—Não zombes, não me martirises mais. E' cada vez maior a força que me impele para ti...

—Cuidado, faz marcha atrás, não te precipites.

—Ah! não poder tornar ao tempo antigo, tornar a ver-te na aldeia em que vivemos.

—Aborrecem-me as viagens; principalmente ao passado.

—Tornar a ver-te naquela saudosa noite, em que o meu maior prazer foi sentir entre as minhas a tua mão, sentindo arfar o teu coço alvissimo e descobrindo um pouco do teu pequenino pé a espreitar, esquivo e assustado, por entre as pregas do teu vestido.

—Mas vês agora muito mais. O pé já perfeitamente á vontade, a perna,

mesmo um pouco mais do que o joelho, a mão, o braço, os ombros, as costas, muito mais colo, que mais queres? Bem vês, pouco mais finhas a descobrir. E tu pertences áquella raça de descobridores a que só o misterio, a atracção poderosa do que era desconhecido impelia a grandes feitos. Agora, bem vês, o mundo está quasi todo descoberto. Já não devem tentarte as aventuras em que se lançavam os teus antepassados; já não deves sentir-te atraído pelo misterio que outrora te atraía.

—Embora...

—Já devias ter ido, não ha duvida. Foi a primeira coisa sensata que disteste.

—Mais uma vez te peço que não zombes. Falo-te sinceramente, com o coração nas mãos...

—Isso é uma temeridade, não faças imprudencias. A's vezes um golpe de ar...

—De joelhos te suplico...

—Repara no vinco das calças; não faças tal. E depois é uma posição incomoda.

—Unamos os nossos destinos para sempre...

—Não será demais?

—Sim, o meu mal é sem remedio...  
—O' filho espera, talvez te possa dar uma receita.

—Vamos, responde. Eu não casei, pensando sempre em ti. Tu não casaste tambem...

—Nem tenciono.

—Porque não casaste?

—Porque tambem pensava em ti.

—Falas serio?

—Juro. Pensava em ti e receei que os outros fossem como tu.

—E's cruel.

—Vejo que pertences ao passado, que não progrediste, que ficaste alheio a tudo, que a civilização não chegou lá. Estás antiquado desde as frases ás ideias e ás intenções...



A um canto ele e ela conversam.

# O remedio infalivel

Como se empreende a cura dum coração, durante uma cura d'aguas e num curioso dialogo, cheio de ironia e de imprevisto.

VARIA

CAS PALAVRAS Cruzadas moda e passatempo

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 144 DECIFRADORES

BARÃO DO TACHO, CAPITÃO BOCHE, DR. ATEU, DR. MISTÉRIO, EDIPO IGNAOTO, MENINA XÓ, SPARTANUS

DECIFRAÇÕES

HORIZONTAIS.—1 Fça. 2 Entrosam. 2 Non-do, erro, poro. 4 Nilgó, adamantinos. 5 Ac'a, exija, araras. 6 Proa, proceridade. 7 «Erc», «eta», «e». 9 Atavio, «abnhi-lag». 10 Inala, 11 Van. oh.

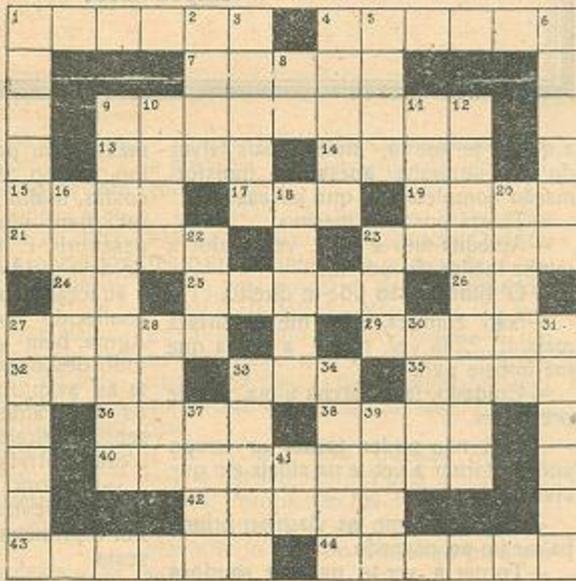
VERTICAIS.—1 Peba. 2 Narrativas. 3 Nic-ciana. 4 Olha, avançar. 5 Enga, dril. 6 Endo, perdoa. 7 Cró, erro. 8 ao, aco'sa. 9 Sedí-ço. 10 Traje, en. 11 Ar, marítimo. 12 Moa, «mal». 13 Nádega. 14 Trafegueara. 15 Piada. 16 «Onrev». 17 Roa, 18 «Ossal».

Problema n.º 147

Ficou na tipografia o pseudonimo do autor do problema publicado no ultimo numero, OSOPAR, a quem pedimos as necessarias desculpas.

PROBLEMA DE HOJE

HORIZONTAIS.—1 D-primé. 4 Numero de dias que se juntam no ano lunar para igualar o ano solar. 7 Endereça. 9 «Ave». 13 «Especie de Abelha do Brasil». 14 o ceu. 15 Geneoso. 17 Tres letras secto coleoptero. 3º Anão. 41 Língua sul americana.



Lisboa Preço

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 11 6.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE VISCONDE DA RELVA

13 OUTUBRO 1927

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa



Sr. Custódio Ferreira Lopes, AFRICANO «Campeão de Decifradores» da 5.ª Serie



Sr. Jaime Mendes Galinha, JAMENGAL «Campeão de Produtores» da 5.ª Serie

GRALHAS

O «Moinho», no respeitante a gralhas, omissões, etc., tem sido uma verdadeira lastima. Que os illustres charadistas nos relevem as involuntarias faltas que bastante nos contrariam, são os nossos agradecidos votos. No n.º 9 destacamos a falta do numero de sílabas nas produções n.ºs 13, 17 e 20, que é respectivamente 3-1, 2-1 e 1-1. Em virtude de terminar hoje o prazo regulamentar para a recepção das respectivas listas de decifrações, será este prorrogado por 8 dias.

CHARADAS EM VERSO

A «Jamengal», pena brilhante que eras o «Idolo», baseando-me nas suas rimas
1 Conheceu com desdem a minha «historia» Que rios lhe inspirei por ser «banal»; No meu sentir, porém, andou mal «mal»: E' vil tirar do fraco uma «vitoria».
A mentira que é falsa, «ilusoria», No homem, tem poder mais que «infernal»; Abusa da fraqueza, e no «mal»: A honra não lhe pesa na «memoria».
Nem dá valor, sequer, a quem «deixou»-2 Na desgraça, uma vez que a «vou»: A tentar, sem reparo, «um» «prejuizo»...-1
E sente-se orgulhoso... «Péi «amado»... Que cinismo! Cinismo «repellido»!!! Sempre fiz do senhor outro «juizo»...

Lisboa ROSA DO ADRO

2 Nesse tempo já passado -1 -Inda eu era pequenino De corpo, grande no fino - Encontrei um aleijado.
Tive dó do desgraçado E também ao D us menino -1 Roguei que o cruzi dest no Lhe fosse muito adoçado.
Nunca vi um tal encanto: Das nuvens quebrou-se o minto, Um arcanjo irrompeu, Surge, e logo sem detença Já no c u em recompensa Um lugar lhe prometeu.

Lisboa SPARTANUS

ENIGMAS EM VERSO
Entre o Lino sacrilégio E o Sá, questão se travou, Ia havendo alteração, Porque o Lino é tolerado E o Sá não cumpriment u.
Canta lhe o Sá, num berreiro! -Que proa tens meu malismo! Devo-te acaso dinheiro?... Deixa essa crista, senão Vou Sempre foste igual a mim.
E põe te já a cavir Não leves um catalão, Pois nunca pude aturar Que queira cantarolar De canário, um «sacristão».

Alferrarede JESO

4 Ao «Idião», para matar de entrada Ela é cidade da Russia, Ele o nosso pensamento; E o aumentat vo dá Trabalho para sustento.

Malra XIOATO

CHARADAS EM FRASE

Ao grande satirico «Palo B'gas»
5 O cavalleiro é uma pessoa moçoio-a que em toda a parte onde se encontra está com o pi dis, sendo por esta razão que vou deixar de ser seu «amigo». -2-1. Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)
6 «A» roda do «arabasto leguminoso», andava correndo um homem com «aparência» de leuco. -1-2 Lisboa ARARA
Para o confrades «Figuro» se entreter nas horas vagas
7 Em tempos que já lá vão, da «parção» de carne que pagava de fôr toda a gente «escarvia». No entanto, para os que a recebiam ainda servia de «galosia». -3-2 Lisboa CHICA SALOIA
8 Aquele que se gaba e julga com «esperteza» dá provas de «Idiota». -1-2 Lisboa DR. MIRONES
9 «Encamalei» os meus passos para onde quiz, sem que ninguém me tivesse dado licença. -3-1 Lisboa ED. PO (A. C. P. B.)
10 Lamentel esta vida com «muitas» desventuras, mas hoje, habituado, já gosto desta «dança». -2-1 Lisboa EURITO
11 De vigia, sentado sobre um «pequeno tambor», estava o marinheiro a pôr do navio, quando, vindo o perigo que ameaçava a tripulação, tocou a «rebata». -2-1 Lisboa GUY PEOO (F. E.)
12 Ao sr. dão-lhe «clicques de parali la até por sua conta insignificante». -2-1 Lisboa HOMEM SEM NOME
13 Com «malher» que tenha o teu «felle», morro, mas não caso. -2-2 Lisboa (JOFRALO T. E.)
14 Na «prança» de uma mulher bonita, até um homem sem «graça» se sente com vontade de «galá far». -2-1 Lisboa LADY N. A.
15 Eu, sr, onde fôr, tenho sempre pena de ver alguem com «cabello fisico». -1-1 Lisboa PAUSANIAS
A' «Cox'xa»

Sabão Simão (Sabão crême desengordurante)

Não tem rival—Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, esmaltes, alumínio, metais, vidros, etc. O melhor desengordurante para limpeza de mãos.—Útil em todas as oficinas e garages.

Peles e confecções de peles

DAVID. L. DA

PORTUGUESE FUR COMPANY

14, Largo da Biblioteca, Cave—LISBOA

16 V. só junto depois de me ter mostrado a casa onde tem o «almo»-3-1 Lisboa RAZALAS (T. E.)
17 O «unio» homem que suportou o fardo da vida até á velhice, descansa agora na humilde «libata». -1-2 S. Julião da Barra SOBA DA TORRE
A Ilustre «Lili»
18 A mulher moderna não se perturba perante o lesto «reparo» de certos «farmacores», que agitam as «medias» de «atentoristas» o «pador»...-1-1 Estoril TANAGBA
Sciitando todos os colaboradores do «Moinho», e em as «prelós» do brilhante grupo «Mofrens»
19 O «cabo delgado» não oferece resistencia para servir de amarra no «bete». -2-1 Enxara do Bispo VISCONDE DO PRADO
20 Esta novata manifeste-se logo de Junho, felicitando o Director do «Moinho» pela sua gerencia, em que tem mostrado «desijos» de não errar. -3-1 Lisboa YVONNETTE

VARIA

# Molière e os medicos

## O remedio infalivel

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

—Mas bem vêes qual é o meu desejo, o meu proposito.  
—Digamos desproposito.  
—Dá-me ao menos uma esperança.  
—Prefiro dar-te um bom conselho, com a esperança de curar-te.  
—Tem dó de mim.  
—Tenho mais do que supões. E' mesmo o que me leva a aconselhar-te.  
—O que devo, então, fazer?  
—E' muito simples. Vai para a cidade, frequenta os bailes, os clubs, os teatros, os cafés, as reuniões, as festas elegantes, faz uma vida intensa, agitada, principalmente agitada, porque este remedio deve agitar-se antes de usar. Dois meses bastam. E' um tratamento rapido e seguro. E garanto que todo esse romantismo se dissolve; que passam como por encanto todas essas idéias bolorentas de casamento, de amor, de noites de luar...  
—Continuas brincando.  
—E' infalivel a receita. Garanto a cura, seguindo á risca o tratamento. Toma este remedio e verás. E escusas de ter cuidado com as imitações. Simplesmente não o mandes aviar na botica lá da terra. Agora, em Lisboa, pode ser em qualquer farmacia...

AUGUSTO CUNHA



A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literário, Rua Ivens, n.º 37

N.º 148—PROBLEMA

Por A. Marl

1.º premio—BRISTOL TIMES AND MIRROR 1927

Pretas (8)



Branças (10)

Mate em 2 lances  
Solução do problema n.º 147

(Mongredien)

1 B-g 4, T e 7-e 8 1; 2 B-d 1, etc.

Este problema, ainda que apresente um aspecto extremamente esquemático, é uma interpretação genial do problema n.º multa intercepção da duas Torres paralisado a defesa.  
CAMPEONATO DO MUNDO.—22.ª partida: Gambito da Dama recusado ataque Alekhine; empatada em 86 lances.  
23.ª partida: Gambito da Dama recusado; empatada em 43 lances.  
24.ª partida: Gambito da Dama, ataque Alekhine; empatada em 41 lances.  
A situação com duas peças favoravel a Alekhine por 4 a 2.

COMO o nosso Bocage, Molière teve a fobia dos médicos e cravou de epigramas a prestimosos classe dos discipulos de Esculápio.  
A animosidade do grande autor francês contra os médicos parece que se explica pelo facto de ser Molière um doente, a quem a medicina nunca trouxera alívios. Vendo que não conseguia curar-se, resolveu encher de ridiculos aqueles cuja missão era curar... Quando Luís XIV lhe preguntou o que lhe receitava o Dr. de Mauvilani, o poeta respondeu:— «Senhor, confesso-lhe... Ele passa-me receitas, eu não as sigo, e curo-me...»  
Na peça «O amor médico» apresenta quatro retratos flagrantemente de quatro sumidades da época: os doutores Guenaut, Esprit, Dacquin e Desfongerais, quatro médicos um tanto ou quanto charlatões, que gozavam de grande fama na corte e aos quais, com o auxilio de Boileau, conseguiu deslizar pelos nomes grêgos de «Macroton» (o que fala devagar), «Bahis» (o que ladra, que fala precipitadamente), «Torre» (cortante, por ser partidário da sangria) e «Desnonandris» (o mato o homem).



João Baptista Poquelin (Molière)—Gravura que reproduz o retrato pintado por Mignard.

Qualquer destas vilmas dos epigramas «molicrescos» merecia bem a critica de que era alvo. Com effeito, todos tinham fama de parlapatões. Guenaut, entusiasta do uso do antimónio, foi assistir aos últimos momentos do Cardeal Mazarin, e conta-se que, ao vê-lo passar a cavallo, em certa manhã, um carroceiro gritou para a população.  
—«Deixem passar esse senhor! Val fazer-nos o favor de matar o cardeal».  
Um dos personagens da peça «O doente de scisma» («Le malade imaginaire») sustenta que a arte da medicina é o maior disparate que ocorre aos homens e, aludindo ao proprio Molière, o mesmo personagem diz que elle não ataca apenas os médicos, mas tambem a profissão em si, pois que as únicas pessoas em condição de poderem chamar um médico são as dotadas de robustez sufficiente para poder resistir ao mal e aos remédios.  
Molière afastava de si os médicos com tanta maior energia quanto era grande o progresso do seu mal. A antiga e pertinaz tosse que o atormentava afastou-o do teatro, em 1667, durante seis meses. Mas quando, no ano seguinte, Boileau lhe ofereceu um lugar na Academia Francesa, com a condição de que não interpretasse senão um cu outro papel de grande importância, e se dedicasse a escrever e ao restabelecimento da sua saúde, Molière negou-se terminantemente a deixar de representar. Isto fez com que Boileau exclamasse: «O primeiro homem do nosso tempo, pela graça e pelas qualidades dum verdadeiro filósofo, esse enge-

nhoso censor de fôdas as locuras humanas tem uma, maior do que as que ridiculizava todos os dias. Isto prova quanto os homens são pequenos!»  
A idéa de Molière, não querendo abandonar o palco, era a de não deixar na miséria os comediantes da sua «troupe», que sem elle nada fariam. Até o seu último instante quis estar ju to dêles. Algumas horas antes de morrer, a 16 de Fevereiro de 1673, tomou parte na terceira representação da sua nova e última obra: «Le malade imaginaire», a comédia que mais severamente estigmatiza a medicina e os médicos. Dir-se-hia que o grande poeta, tendo o pressentimento da morte próxima, quis vingar-se da sciência, que se declarava impotente para o salvar. E doente muito a sério, Molière foi representar o «Doente de scisma»... No dia em que morreu, estava tão fraco que a actriz Bejart, sua mulher, e o actor Baron, seu discipulo, lhe pediram que suspendesse o espectáculo. Respondeu que não podia privar de soldada as cinquenta pessoas, entre cómicos e operários, que firariam sem nada, se interrompesse os espectáculos. Pediu apenas que estivessem a postos ás quatro da tarde, pois no caso contrário não poderia trabalhar. Com um enorme esforço de vontade, interpretou o papel do protagonista, mas no bulesco «ballet» final, ao pronunciar a palavra «juro», teve um imenso calafrio, que muitos espectadores notaram e que elle procurou disfarçar, soltando uma gargalhada forçadíssima. Era o aviso da morte. Da scena do Palais Royal passou para o leito do sono eterno. E rodeado pelos médicos, que já não tinham forças para repelli-lo, o «Doente de scisma», doente de verdade, entrou no reino onde não conheceu a mais dura lei que nelle se observa: a «dura lei da morte», o e quecimento...

## A mulher de barro e o homem de Louça das Caldas

Continuação da pagina 6

LEONOR—E é por isso que me queres mal?  
O 2º HOMEM—E' por isso que não te quero tão bem como devia.  
LEONOR—Mas então perdi o meu tempo e o meu latim!... Tu já não és a alma que eu sonhava. E's como os outros, exactamente como os outros. Vocês são todos a mesma louça! (Chora).  
O 2º HOMEM—(Pondo o chapéu na cabeça)—E vocês são todas feitas do mesmo barro—do mesmo barro com que Deus nos fez a nós.  
LEONOR—Bonito serviço que Deus nos prestou!  
O 2º HOMEM—Tens razão.. Não passa dum serviço—de louça das Caldas..  
O 2º HOMEM—Vai-se embora. E Leonor parte, á procura dum novo amor, que ainda não será o amor de-

## DAMAS

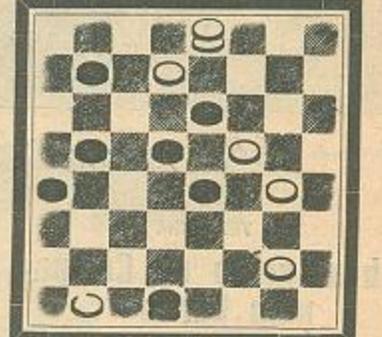
Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser enviada a Actur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 141

Branças	Pretas
1	23-26
2	14-13
3	4-8
4	23-27
5	24-27
6	28-6-11-6-16
7	3-8
8	1-11

Ganha

PROBLEMA N.º 142  
Pretas 1 D e 6 p



Branças D e 5 p.  
Saem a brancas e ganham.

Este problema é pelo director desta secção, dedicado ao sr. José Brandão Silvanos.  
O problema n.º 140 foi publicado com uma pequena ommissão. A composição que se lhe quiz dar devia ser: BRANÇAS.—3 (D)—4-6-13 (D)—2-23 (D)—30 (D). PRETAS.—3 (D)—9—2-14-18 (D)—20-7 (D) 32 tendo a seguinte solução:

Branças	Pretas
1	4-8
2	2-11
3	30-16
4	6-10
5	13-2

Ganha

PA-MI—Tem V. Ex.ª razão. O seu problema está certo; o enigma derivou da forma como nos enviou a discriminação das Damas. Queira desculpar.

## SAPATARIA EUROPA

AUGUSTO NUNES DA SILVA

O melhor calçado, o mais resistente a par da maxima flexibilidade, o maximo de conforto e requintadamente artistico



Todas as materias primas são importadas directamente das mais accedidas casas estrangeiras. Cuidado em lézard de java, e ocolilles e antilopes veritables, setins e lamés em todas as cores.

R. do Mundo, 47—Telef. T. 790—LISBOA

finitivo da sua pobre alma torturada e romantica.

## PANDORA

é a ultima palavra em canetas de enchimento automatico  
PANDORA, substitue, por isso, com vantagem, qualquer outra marca. PANDORA é a mais barata das suas similares.  
Pedir nos estabelecimentos da especialidade  
Representante:  
**J. N. Soares, Limitada**  
R. de S. Mamede, ao Caldas, 81, 1.º LISBOA  
Tel. C. 198

## Sosulich Line

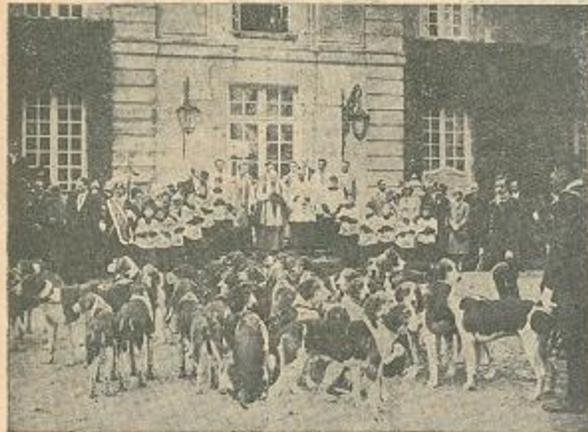
Agentes: — E. PINTO CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

## SYRIE

esperado em 14 de Novembro  
**BASTO & O. A. L. P. A.**  
LISBOA  
Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

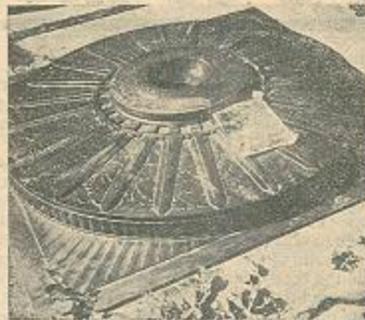
# actualidades graficas

## A bênção dos cães



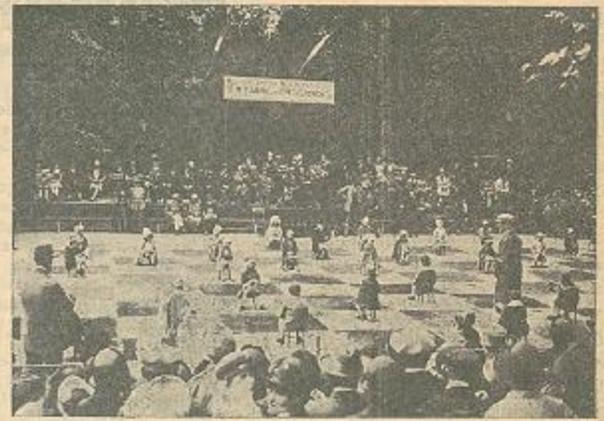
Os cães do Barão de Rothschild, o celebre milionario, recebendo a bênção antes de começarem uma caçada.—(Foto Meurisse).

## Desagravo



Recentemente por ocasião dos ultimos motins de Paris, foi ultrajado odiosamente o tumulo do Soldado Desconhecido. Mão anonima colocou sobre a campa um poema de violento desagravo.—(Foto Meurisse).

## Jogo das Damas



Uma partida de jogo das Damas foi disputada entre o campeão do Mundo e o campeão da Holanda, sobre um taboleiro gigantesco, com peças vivas.—(Foto Meurisse).

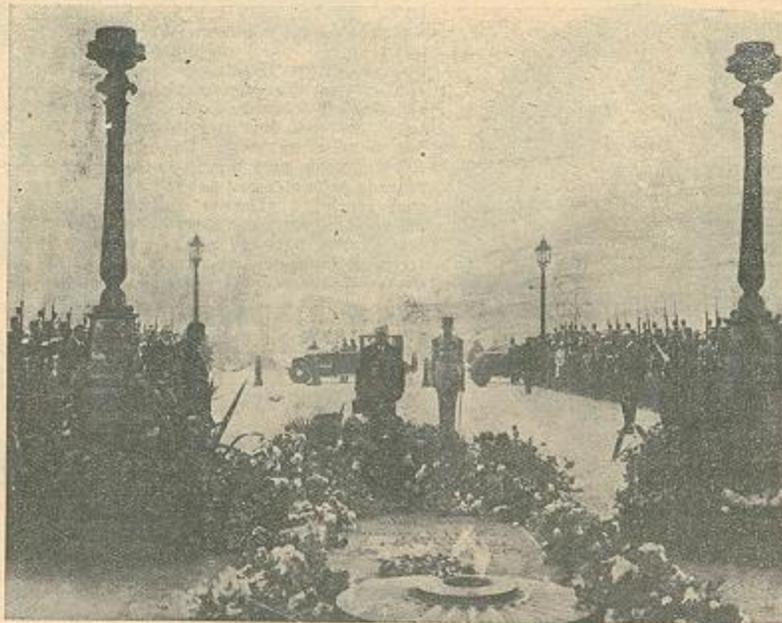
### UMA VERGONHA

## O bom gosto da Companhia Carris



O horroroso e inestético lazigo de familia em estilo W. C., que a Companhia Carris instalou no fundo da Calçada da Gloria, e que é um cumulo de mau gosto, superior a todas as obras já celebres do sindicato de Santo Amaro

## O DIA DE FINADOS EM PARIS



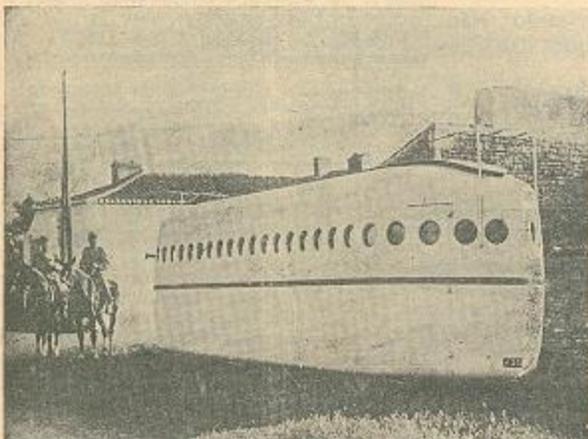
O Presidente da Republica Francesa pondo um ramo de flores na campa do Soldado Desconhecido.—(Foto Meurisse).

## Reconstituição historica



Numa aldeia da Bretanha recompuzeram-se, por ocasião das festas druidicas, curiosissimas lutas antigas.—(Foto Meurisse)

## O ideal da independencia



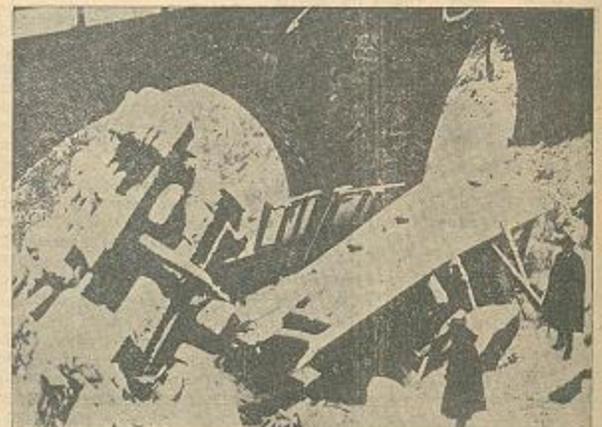
Ter uma casa ambulante, com todas as comodidades, até a T. S. F., é um sonho que um engenheiro corporizou na presente "roulotte" automovel.—(Foto Meurisse).

## A prata de arte



Um magnifico especimen da nossa arte, produto da afamada casa J. M. & Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82

## A catastrophe de Chamonix



Os vagons e a locomotiva caidos do viaduto, pouco depois do desastre, e cobertos já duma espessa camada de neve.—(Foto Meurisse).

PUBLICIDADE

# Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161 — LISBOA  
RUA 31 DE JANEIRO, 220 — PORTO

## Inauguração da Estação de Inverno

Com grandes exposições nas nossas vastas montras de todos os artigos que constituem o nosso colossal e variado sortido para a presente estação. Os mais chics modelos em vestidos, manteaux, chapéus e casacos de peles adquiridos nas principais casas do estrangeiro. Lindos padrões de grande fantasia e novidade em tecidos de lã e seda. Grande existencia em tecidos nacionais e estrangeiros para fatos de homem e impermeáveis para os mais variados preços.

### IMPORTANTE

Para que todos os Ex.<sup>mos</sup> Clientes possam apreciar a nossa exposição, conservamo-la aberta com grande iluminação até às 23 horas.

## Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA. Calçada da Estrela, 57 (esquina da Rua Miguel Lupi)

## HOTEL LUSO-ITALIANO

PAREDE  
(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO  
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS  
Constantino Molle

**FUNERAES** TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS, PROVINCIA, ETC.

URNAS, ARMAÇOES, COROAS, ETC.

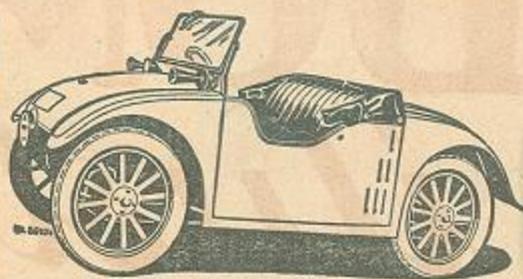
PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

**MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO**

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:  
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

**LISBOA**



## Hanomag

O CARRO MAIS BARATO  
O CARRO MAIS ECONOMICO  
4 LITROS AOS 100 KILOMETROS

Representantes para Portugal e Colonias: **V.º Ferrão, L.º da**  
Cargo Conde Barão, 27-30

## LITH.

## ARTISTICA

R. DO ALMADA, 34-1.º (ao CALHARIZ)

TRABALHOS TIPOGRAFICOS E LITOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

## LISBOA

PEÇAM ORÇAMENTOS TELEFONE TRINDADE: 229

## RIBEIRO & SILVA, L.º da

ALFAIATES PARA HOMENS E SENHORAS

154, Rua Augusta, 156

ARTIGOS DE NOVIDADE

Telefone C. 2468

Continuam a expôr o mais variado sortido de fazendas nacionais e estrangeiras, assim como a mais completa coleção de artigos de novidade para a presente estação.

## INSTITUTO COMERCIAL LISBONENSE

Antigo Instituto Pereira de Sousa

PARA AMBOS OS SEXOS

Aulas diurnas e nocturnas em lições individuais ou em classe; habilitam para os cursos de guarda-livros e comercial

CURSOS ESPECIAIS

Industrial, bancario e de correspondentes. Habilitação rapida para adultos. Instrução primaria. Professores da especialidade, habilitados com curso superior. Matricula permanente.

Telefone C. 1730 — Rua Nova do Almada, 53, 3.º



MOVEIS  
E  
ESTOFOS  
AO CONFORTAVEL

DE  
Nascimento Piedade

TELEFONE N. 3968

Rua da Palma, 109 a 113  
LISBOA

## FUNCHALIA

VIEIRA & LOPES, L.º DA

5, Largo do Calhariz, 6

Telefone 7. 670

Depositarios das acreditadas marcas de manteiga das Empresas A. C. BURNAY, LIMITADA, VACCUM DE LACTICINIOC, Lt.ª, e LACTICINIOS AGUIA, da Madeira.

Inauguraram as suas novas instalações para venda a retalho de mercearias, vinhos, charcuteries, etc.  
DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -  
SEMESTRE - 24 BSC -  
TRIMESTRE - 12 BSC -

## *ilustrado*

ASSINATURAS

COLONIAS  
ANO, 5220 - SEMESTRE, 2600  
ESTRANGEIRO  
ANO, 6486 - SEMESTRE, 3200

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



## O GRANDE TEMPORAL NO TEJO!

Durante algumas horas os pequenos barcos do Tejo sofrem momentos horríveis. No Poço do Bispo afundaram-se fragatas, e algumas pontes, com a furia do vendaval ficaram destruidas.